

Nos labirintos da mata e do corpo

Pollyana Quintella

*"No meio do caminho de nossa vida / Encontrei-me numa selva obscura / Que a estrada
reta fora perdida."*

Dante Alighieri, Inferno, Canto I

É preciso coragem para entrar na mata, desvendar suas superfícies, se despir dos saberes prévios em busca de alguma transformação vertiginosa. É esse o anúncio que a primeira exposição individual de Juliana Lapa oferece. Entre diários, desenhos, fotografias e objetos, há um convite para o estranhamento de si.

A princípio poderíamos supor que os desenhos em grafite da série *Breu*, produzidos desde 2015, são fruto de observação, uma vez que apresentam afinado apuro técnico e um grande repertório de detalhes. No entanto, são composições livres, imaginadas por Juliana. As tramas, galhos, troncos e entrelaçamentos elaboram um cenário de mistério e medo, junto a um desejo pelo desvendamento. Para a artista, o trabalho aparece como fenômeno mágico e encantado, processo de vidência que instaura novas situações no mundo.

Curiosamente, os *Breus*, embora ofereçam uma atmosfera de temor e mistério, são também um testemunho de intimidade e introspecção. O ponto de vista da artista nos coloca dentro da floresta. Não há distanciamento possível dos elementos, algo também reforçado pela grande escala, nos convidando a entrar na mata. Nesse caminho podemos evocar Gaston Bachelard. Em seu livro *A Terra e os devaneios do repouso*, o filósofo se debruça sobre imagens da beleza íntima da matéria, situações de afetividades inconscientes e subterrâneas. A gruta, a casa e o ventre, imagens de refúgio, são evocadas para oferecer tranquilidade íntima, repouso. Aqui, os *Breus* simultaneamente nos abraçam e nos apavoram, como redutos de segredos.

Essa dualidade também se manifesta no *Autorretrato no Breu*, no qual Juliana se insere na gama de paisagens que construiu. Espectadora de sua própria façanha, ela aparece como alguém que não controla inteiramente aquilo que colocou no mundo. Na fotografia, o semblante da artista, com contornos indefinidos no meio do escuro, apresenta um misto de encantamento e confronto, hipnose e receio. Lembro Hilda Hilst, que sobre o mistério entendia: "Faria do meu rosto de parábola / rede de mel / ofício de magia". Um rosto que transforma e é transformado. Juliana também relaciona o *Breu* ao *Putrefactio*, estágio do processo alquímico conhecido como "nigredo", o escurecimento da matéria. No *putrefactio* ocorre a decomposição dos corpos orgânicos mortos. O caráter enigmático e ritualístico do trabalho é reforçado mais uma vez como uma espécie de visita às profundezas para um retorno renovador.

A ideia de ritual também pode ser percebida nas outras fotografias, *Centro da Terra* e *H*. Na primeira, a artista aparece cavando um buraco na praia, em situação introspectiva, como se, ao cavar, conseguisse olhar para dentro de si e semear o mundo. Para nós, aparece ainda um índice de fogo através da fumaça. Na outra, a pequena chama aparece como uma intervenção pontual na mata, formando a quinta letra do alfabeto hebraico, a Hey. Em

ambas, o vínculo com a terra anuncia segredos, confidências, revelações. Há uma linguagem cifrada que se apresenta para o iniciado, cuja intimidade com a terra alimenta.

Os diários também expostos aparecem pontuando o caráter processual da pesquisa, o cotidiano do trabalho, as referências literárias, as imagens históricas, as anotações, experiências e tentativas que atravessam a elaboração de uma obra. No entanto, são eles mesmos objetos de atenção, produtos em si.

Em muitos desenhos, o corpo da mulher aparece como assunto central, em situações surreais que envolvem animais, espíritos, lanças. No entanto, Juliana não está lidando com um ideal ocidental de mulher, segundo orientações neuróticas e castradoras, mas sim com um arquétipo mais antigo, que vincula o gênero a um lugar de vigor e poder. O título da exposição, “Eu não estou louca”, aparece como negação da postura que tende a depreciar delírios femininos, reafirmando, ao contrário, a potência vital de sua imaginação, seu lugar de vidência possível e acesso a outros saberes. Nessa direção, Juliana se apoia em Éliphas Lévi, mago francês do século XIX, que afirmou que “Imaginar é ver”. Em *Cometa errante*, por exemplo, trechos do autor também aparecem transcritos nas flechas que atravessam o corpo de uma mulher firme e distraída. As flechas, embora lhe atravessem, parecem também armas suas, não lhe derrubam.

A *Mulher Medonha*, que dá título a outro desenho, é esse ser que está constantemente escapando de qualquer tentativa de captura, se reinventando e sobrevivendo diariamente. Lembro de Virginie Despentes que, na Teoria King Kong, diz: “Essa mulher [ocidental, coerente, perfeita] com a qual deveríamos nos esforçar para parecer, devo dizer que jamais a conheci, em lugar algum. Acredito até que ela nem mesmo exista”. Alinhado a isso, o trabalho de Juliana Lapa vem nos lembrar que medonhas somos todas, e é no estranhamento que reside nossa força, apesar dos temores e aflições. É de dentro do Breu, essa situação informe, de visibilidade difícil, que sairá uma nova configuração possível. Assim queremos e assim seguimos.